



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Ebrahim Gusmão, Surama

Adoção Tardia: Altruísmo, Maturidade e Estabilidade Emocional

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 73-80

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814106>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Adoção Tardia: Altruísmo, Maturidade e Estabilidade

Surama Gusmão Ebrahim<sup>1,2</sup>  
Universidade Federal da Paraíba

### Resumo

A pesquisa teve por objetivo executar um estudo acerca das adoções tardias, comparando pais que criaram crianças maiores de dois anos com pais que efetuaram adoções de bebês. Os principais elementos abordados foram: status civil; idade; escolaridade; renda; presença de filhos biológicos; e motivações para a adoção. Investigaram-se a maturidade e a estabilidade emocional dos adotantes. A amostra consistiu de 27 adotantes tardios e 55 adotantes que participaram ou não de Grupos de Apoio à Adoção. O instrumento utilizado constou de um questionário com questões sobre maturidade e estabilidade emocional; e de uma escala de altruísmo. Os resultados indicaram distinções entre os dois grupos, com destaque para os aspectos destacados. Os adotantes tardios apresentaram um nível sócio-econômico superior, um estatuto social mais elevado, uma maior presença de filhos biológicos, e uma maturidade e estabilidade emocional mais elevada. Quanto às motivações, não apareceram diferenças significativas entre os dois grupos.

*Palavras-chave:* Adoção; abandono; altruísmo; maturidade e estabilidade emocional.

**Late Adoption: Altruism, Maturity, and Emotional Stability**

### Abstract

This research work aimed at carrying out a study on late adoptions, comparing parents who adopted children with those who adopted babies. The main elements focused on were: civil status; age; education; level of biological children; and motivations for the adoption. Altruism, maturity, and emotional stability of the investigated. The sample consisted of 27 late adopters and 55 conventional adopters, regardless of their participation in Groups of Support for Adoption. The instrument used consisted of a questionnaire about adoption; and emotional stability; and of a scale of altruism. The results indicated distinctions to the emphasis on the two groups, compared to the conventional ones, featured a higher social and economic level, differences in the higher proportion of biological children, and a higher maturity and stability. Regarding both motivations groups presented significant differences.

*Keywords:* Adoption; abandon; altruism; maturity, and emotional stability.

A adoção é, em si, um tema bastante complexo, sendo a adoção tardia, de acordo com algumas pesquisas (Weber & Cornélio, 1995; Weber & Gagno, 1995), revestida de

criando uma clara distorção, adoção com problemas e fraude.

Entretanto, especialmente

para a infertilidade, constituindo uma das razões para a procura maciça de bebês.

Em geral, somente as crianças de até três anos conseguem colocação em famílias brasileiras. A partir dessa idade a adoção torna-se mais difícil. Grande parte das crianças, consideradas mais velhas, ou é adotada por estrangeiros ou permanece em instituições (Weber & Kossobudzky, 1996; Weber & Mafessoni, 1996).

Os conceitos dos adotantes quanto à adoção de crianças mais velhas, e que surgem como forma de justificar a preferência por bebês, relacionam-se, fundamentalmente, com a dificuldade na educação. Segundo as famílias adotivas, dificilmente uma criança adotada tarde aceitaria os padrões estabelecidos pelos pais, pois estariam com sua formação social iniciada. As pessoas, portanto, adotariam bebês para obterem uma melhor adaptação entre pais e filhos e uma adequada socialização, onde as crianças fossem capazes de atender aos anseios da família (Weber, 1996).

As pesquisas revelam (Weber, Gagnon, Cornélio & Silva, 1994; Weber & Cornélio, 1995; Weber & Gagnon, 1995) que a maior parte da população apresenta preconceitos quanto à adoção tardia, como: a) o medo de adotar crianças mais velhas pela dificuldade na educação; b) o receio de adotar crianças institucionalizadas pelos maus hábitos que trariam; c) as crianças que não sabem que são adotivas têm menos problemas, por isso deve-se adotar bebês e esconder deles a verdade, imitando uma família biológica. É usual, portanto, que sejam confundidas a aceitação e a inserção completa da criança na família, com o desejo e a tentativa de apagar suas origens (Motta, 1995). A adoção, desta maneira, termina por não ser um processo simples, especialmente aquela relativa a crianças mais velhas. Mas, como questionam Weber e Kossobudzki (1996, p. 124), “será que a sociedade não é capaz de mudar, de preparar as pessoas e proporcionar de fato o encontro de pais para todas as crianças?”. A importância do presente estudo

anos). Na inexistência de estudos similares, como no exterior, que comparem adotantes convencionais, são levantadas hipóteses de que entre os dois grupos, acreditando-se basicamente, ao nível das características sociais. Supõe-se que as pessoas que adotam crianças são mais altruístas, maduras e estáveis em suas relações.

Segundo Serra e Zacares (1991), a personalidade psicológica vem como consequência de uma estrutura durante o ciclo de vida, que é a interação entre traços biológicos, psicológicos e sociais. A personalidade é a progressão de um ótimo equilíbrio entre si e as mudanças de papel inerentes ao desenvolvimento. As características desenvolvimentais específicas da personalidade emocional incluem o desenvolvimento da perspectiva de tempo, da autonomia, da responsabilidade, e o reconhecimento das dissonâncias entre as emoções e os comportamentos.

O indivíduo emocionalmente saudável consegue ter controle emocional, que é a habilidade emocionalidade, experimentando impulsos e emoção, mas com apropriado equilíbrio entre a expressão (Hilgard, Atkinson & Atkinson, 1983) e a expressão (Hilgard, Atkinson & Atkinson, 1983). A personalidade emocional implica na capacidade de tolerar as decorrentes de condições insatisfatórias, aceitando-as, aceitando-as e enfrentando-as de forma constante e equilíbrio do comportamento (Alves, 1993).

Francis (1997) coloca que os indivíduos emocionalmente saudáveis são aqueles que mantêm um conceito próprio, o que parece indicar um nível elevado de maturidade, estabilidade emocional e personalidade positiva. Similarmente, os dados de Gregorio, Roldan, Cabezas e Roldan (1995) demonstram uma ligação entre personalidade emocional, auto-estima e altruismo.

O altruismo é classificado por Korsukow (1996) como

## Instrumentos

Mulligan (1996) enfatiza que a composição familiar, o tamanho da família, a ordem de nascimento e algumas variáveis da infância, trazem implicações na formação do altruísmo e na transmissão de sentimentos de igualdade ou desigualdade entre as pessoas. Ma e Leung (1995) julgam que a educação informal oferecida pela família, além da educação formal dos programas sociais, favorece orientações altruísticas. Os resultados do estudo mostram uma relação positiva entre ambiente familiar e altruísmo. Uma forte orientação altruística está substancialmente associada com um ambiente familiar coeso e harmonioso, onde há ênfase constante em atividades intelectuais e culturais. Sob estes pontos de vista, as pessoas que realizam adoções tardias talvez ajam seguindo uma orientação altruística, facilitada pela estabilidade e maturidade emocional, onde as situações familiares, as experiências de vida e a idade podem ser significativas, influenciando o modo como os indivíduos respondem às necessidades dos outros. Ademais, os adotantes tardios podem, na sua maioria, ser casais com filhos, que já vivenciaram a experiência de criar uma criança, não tendo mais a necessidade ou disponibilidade de começar com um bebê. Ou pessoas sozinhas, como solteiros, divorciados e viúvos, que não têm tempo e condições de cuidar de um recém-nascido, mas querem constituir uma família. Ao passo que, os adotantes convencionais são casados e sem filhos biológicos. Pretende-se ainda verificar diferenças sócio-econômicas entre os grupos. Os estudos de Weber (1995) indicam que as pessoas de classes sociais baixas fazem menor número de exigências em relação à criança, adotando, com mais frequência, crianças maiores. Espera-se que os dados coletados, em conformidade com estas hipóteses, possam contribuir com maiores esclarecimentos sobre a adoção tardia, possibilitando a estruturação de planos de intervenção voltados para conscientizar a população e reduzir os preconceitos sobre o tema, ajudando crianças mais velhas a encontrar famílias que as acolham.

Para avaliar a maturidade dos pais adotivos escolheu-se 16PF, por ser este o único encontrado, através de fontes (teses) e fontes secundárias informatizados de identificação abordava, simultaneamente, continha a facilidade de ser validado, inviável realizar a elaboração de instrumentos, quando a escala já construída, para posterior validação.

### Procedimentos

Os instrumentos de pesquisa foram entregues pessoalmente, ou remetidos via correio, aos coordenadores dos grupos e associações de apoio à adoção, e a profissionais (assistentes sociais, professores, psicólogos, entre outros) que serviam de intermediários entre os adotantes e a pesquisadora, em oito estados brasileiros. Os envelopes para resposta foram enviados selados e endereçados, para facilitar o retorno e ocorrerem menos perdas, juntamente como uma carta explicativa sobre os objetivos do estudo. Mas, como era esperado, apenas 38% dos instrumentos postos em aplicação retornaram.

### Resultados

No estudo relacional das variáveis do questionário, tomou-se como parâmetro o teste de qui-quadrado, e na ausência de significância dos dados, avaliou-se a distribuição das freqüências. Na análise do altruísmo e da maturidade e estabilidade emocional, utilizou-se a razão  $t$  e a prova de Mann-Whitney, que possibilitaram a comparação entre as duas amostras citadas. As características das amostras dos adotantes convencionais e dos adotantes tardios apresentam-se distintas em alguns aspectos, como o estado civil e a idade (Tabelas 1, 2 e 3).

É interessante observar que entre as mulheres que realizaram adoções tardias há uma maior variância nas

Apesar da diferença entre as médias, os adotantes tardios e convencionais serem pertencentes ao mesmo grupo apresenta uma idade média mais elevada. No que diz respeito ao nível de escolaridade, percebe-se pelo que consta nas Tabelas 4 e 5, que as mulheres que realizaram adoções tardias possuem um nível de escolaridade mais elevado do que os homens, entre os dois grupos.

Vê-se pelas Tabelas 4 e 5, que 52% das mães que adotaram bebês e 74,1% das mães que adotaram crianças têm nível superior completo, e entre os homens, entre os pais adotivos convencionais e 50% dos adotantes tardios, têm este mesmo nível de formação.

Tabela 4. Percentagens e Freqüências Relativas ao Nível de Escolaridade Materna

	adotantes tardias	% adotantes tardias
sem escolaridade	3,7	(1)
primário (1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup> série)	7,4	(2)
primário (5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> série)	3,7	(1)
secundário	7,4	(2)
superior incompleto	3,7	(1)
superior completo	74,1	(20)

\* O total corresponde a  $n=77$ , porque uma parcela das adotantes convencionais pesquisadas ( $n=55$ ), somente informou o nível de escolaridade.

Tabela 1. Freqüências e Percentagens Relativas ao Estado Civil Materno

	solteira	casada	separada/divorciada	viúva
adotantes tardias	25,9% (7)	66,7% (18)	3,7% (1)	3,7% (1)
adotantes convencionais	6,1% (3)	91,9% (45)	2% (1)	—

\* O total corresponde a  $n = 76$ , porque uma parcela das adotantes convencionais ( $n=6$ ) não especificou o estado civil.

respostas. Entre as mães que adotaram bebês, 91,9% são casadas, enquanto apenas 66,7% das mães que adotaram crianças maiores o são. A média de idade das mães adotivas de bebês é de 35 anos e a das pais de 38 anos.

à renda familiar, os dados encontram-se visualizados na Tabela 6.

Tabela 5. Percentagens e Freqüências Relativas ao Nível de Escolaridade Materna

A renda salarial familiar dos adotantes convencionais fica acima de 20 salários mínimos para 36,7% da amostra, e entre os adotantes tardios, 40,7% recebem mais de 20 salários. Desta forma, o grupo de adotantes tardios demonstra uma condição econômica melhor do que a

Tabela 6. Percentagens e Freqüências Relativas à Renda Salarial Familiar ( $n = 76$ )

	adotantes tardios	adotantes convencionais
até 1 salário	3,7 (1)	3,7 (1)
até 3 salários	0	6,1 (3)
até 5 salários	0	4,1 (2)
até 8 salários	7,4 (2)	2 (1)
até 12 salários	7,4 (2)	14,3 (7)
até 15 salários	14,9 (4)	16,4 (8)
até 20 salários	25,9 (7)	18,4 (9)
acima de 20 salários	40,7(11)	36,7(18)

do grupo de adotantes convencionais, o que revela uma contradição na direção dos resultados previstos. Na Tabela 7 é possível verificar a presença ou ausência de filhos biológicos nas famílias adotivas.

A Tabela 7 demonstra que 63% das famílias com adoções tardias são compostas também por filhos

Tabela 7. Percentagens e Freqüências da Presença/Ausência de Filhos Biológicos nas Famílias Adotivas

	presença	ausência
adotantes tardios	63 (17)	37 (10)
adotantes convencionais	49,1 (27)	50,9 (28)

biológicos, o que ocorre em 49,1% das famílias com adoções de bebês. Quanto à motivação para a adoção, a Tabela 8 abaixo lista os elementos mais citados como motivadores para a realização da adoção, nos grupos dos adotantes tardios e dos convencionais.

Os resultados relativos aos motivos elencados pelos adotantes para efetuar as adoções revelam que os

adotantes tardios adotam mais a situação de abandono das crianças, que as pessoas que adotam mais parte das vezes, por não ter filhos. Observa-se uma diferença significativa de abandono ( $X^2 = 5,349$ ;  $gl=1$ ;  $\chi^2 = 5,349$ ;  $p < 0,05$ ) entre os adotantes tardios e os filhos biológicos ( $X^2 = 5,956$ ;  $gl=1$ ;  $\chi^2 = 5,956$ ;  $p < 0,05$ ), nas adoções, na comparação entre os grupos.

Em relação à questão da maturidade emocional, o que pode ser percebido é que a maior entre os adotantes tardios é menor que os adotantes convencionais. A diferença entre os adotantes tardios foi de  $m = 2,71$  e os adotantes convencionais,  $m = 2,92$ , conforme pode ser visualizado na Tabela 9.

Tabela 9. Médias e Desvios Padrão da Estabilidade Emocional entre os Grupos de Adotantes Convencionais

	média
adotantes tardios	13,0
adotantes convencionais	12,2

Estes resultados, ao nível da maturidade emocional, tendem a diferenças significativas entre os adotantes tardios e os adotantes convencionais, com os adotantes tardios apresentando níveis elevados de maturidade e estabilidade emocional.

A respeito do altruismo, não há diferença significativa entre as duas amostras, com os adotantes tardios atingindo um escore maior que os adotantes convencionais ( $m = 2,71$  e  $m = 2,92$ , respectivamente).

Tabela 10. Médias e Desvios-Padrão do Altruísmo entre Adotantes Tardios e Convencionais

	Médias	Desvios-padrão
adotantes tardios	21,89	2,32
adotantes convencionais	20,61	2,71

*t* = -2,090; *g/* = 79; *p* < 0,04

### Discussão

Inicialmente, seria importante recordar que se estabeleceu, como uma das hipóteses, a partir de pesquisas de Weber (1995, 1996, 1997), que as pessoas de nível sócio-econômico baixo estariam mais abertas à adoção, adotando freqüentemente crianças maiores. Entretanto estes não foram os resultados encontrados, na medida que, quanto à escolaridade, 74,1% das mães e 50% dos pais que realizaram adoções de crianças maiores, têm nível superior completo e 40,7% possuem uma renda salarial familiar acima de 20 salários, ao passo que entre os adotantes de bebês, 52% das mães e 54,3% dos pais desfrutam de nível superior completo e 36,7% apresentam uma renda salarial acima de 20 salários. Logo, o nível sócio-econômico dos adotantes tardios não corrobora o previsto, tendo os adotantes convencionais uma condição social e financeira inferior, ao menos na amostra estudada. Em relação às outras hipóteses estabelecidas, ao contrário, os dados colhidos mantêm-se na direção esperada, pois, como se supunha, os adotantes tardios compõem uma amostra mais ampla, sendo casados (66,7%), solteiros (25,9%), viúvos (3,7%) ou divorciados (3,7%), em sua maioria com filhos biológicos (63%), o que se opõe aos adotantes convencionais, casados na sua quase totalidade (91,9%) e sem filhos biológicos (50,9%). Como afirmam Ferreyra (1993) e Prowler (1990), muitas pessoas sem filhos ou casais com filhos, estão se dispondo às adoções tardias, inter-raciais e de crianças com necessidades especiais, tendo havido um aumento considerável de adotantes solteiros que se sentem com

A respeito do altruísmo, este é um componente a influenciar as escolhas de adoção, como presumido, os adotantes tardios são mais altruístas do que os adotantes convencionais, embora uma diferença significativa entre os dois grupos não seja constatada. Isto é mencionado por Shapiro e Gabbard (1995) e Meglino e Lester (1996), o que explica o comportamento que não se limita a ganhar dinheiro para os próprios. Um ato é definido como altruísmo quando a motivação do sujeito, que coloca prioridade nos resultados pessoais e nos custos de suas ações.

Isto explica a diferença significativa entre a relação às motivações, quanto à situação social das adoções tardias e a ausência de filhos biológicos das adoções convencionais, favorecendo a tendência dos adotantes tardios a serem mais altruístas. O altruísmo, mais que a idade, é uma característica dos adotantes tardios, traz uma maior justificativa para a adoção, uma vez que a motivação apresentada por estes, devido ao desejo de em atender às necessidades do outro com amor e dedicação.

A questão da maturidade pode ser considerada importante na determinação da decisão de adoção, uma vez que os adotantes tardios tendem a ser mais velhos que os adotantes convencionais, o que pode ser explicado por uma menor estabilidade emocional compõem, contudo, um elemento de diferenciação entre os dois grupos. Isto é, os adotantes tardios mostrando-se mais estáveis emocionalmente do que os adotantes convencionais. Isto pode ser determinado por uma menor idade dos adotantes, já que os adotantes tardios tendem a ser mais velhos. Eles apresentam uma idade média mais elevada que os adotantes convencionais e a literatura mostra um progresso similar da idade com a maturidade (Kleban, Rajagopal & Dean, 1992; Shaub et al., 1987) e uma relação entre idade, estabilidade emocional, e pensamento altruístico (Eisner, 1995; Perez San Gregorio, Roldan, Casas, 1993).

compreender melhor quais são os elementos favorecedores da adoção de crianças maiores para poder trabalhá-los em prol da concretização de novas adoções deste tipo. Desta maneira, a proposta primeira da pesquisa foi cumprida, com o levantamento das principais diferenças e semelhanças encontradas entre adotantes tardios e convencionais, e como estas atuam nas escolhas dos adotantes. Conclui-se que as motivações para as adoções tardias são beneficiadas pelas características de personalidade dos adotantes, o que não impede, entretanto, que outros, nem tão maduros nem tão altruístas adotem crianças maiores. A intenção não é de excluir aqueles que não possuem estas mesmas características, achando que somente eles seriam capazes de realizar uma adoção tardia com sucesso, mas de procurar formas de impulsionar novas adoções, mesmo com pessoas que dispõem de caracteres diferenciados. Por outro lado, como acreditam Frydman, Ledrue, Hofmans e Molinier (1995) e Stark (1996), através de programas multidimensionais de educação social, pode-se desenvolver e/ou aumentar comportamentos pró-sociais na população. Esta é uma possibilidade que se abre para todos os que estão interessados na questão do abandono e institucionalização de crianças e adolescentes.

## Referências

- Andrade, E. M. & Alves, D. G. (1993). *16PF Manual abreviado-normas brasileiras*, Rio de Janeiro: Capra.
- Eisenberg, N. (1996). Tens' altruism grows like they do-in spurts. *APA Monitor*. Washington: American Psychological Association.
- Eldred, C. (1976). Some aspects of adoption in selected samples of adult adoptees. *American Journal Orthopsychiatry*, 46, 279-290.
- Ferreira, M. C. (1993). A adoção de crianças maiores. *Boletim A Adoção em Terre des Hommes*, 51(5), 1-6.
- Francis, L. J. (1997). The relationship between Rosenberg's construct of self esteem and Eysenck's two-dimensional model of personality. *Personality and Individual Differences*, 22(1), 139.
- Frydman, M. , Ledrue, L. , Hofmans, V. & Molinier, C. (1995). The development of altruistic attitudes. *Enfance*, 1, 89-100.
- Jha, P. K. (1995). Personality correlates of machiavellians. *Indian Journal of Psychometry and Education*, 26(2), 65-70.

Perez San Gregorio, M. A., Roldan, J. M.

(1993). Factores sociales y psicológicos de órganos. *Psychotema*, 5(2), 241-250.

Pinderhughes, E. E. (1996). Toward understanding late adoption: A review of research following older child adoption. *Journal of Empirical Research on Child Adoption*, 18(1-2), 115-138.

Pisani, E. M., Bisi, G. P., Rizzon, L. A. & Vargas, M. M. (1995). *Porto Alegre: Vozes*.

Prowler, M. (1990). *Single parent adoption: A guide for parents*. Washington, DC: National Adoption Center.

Serra, E. & Zácares, J. J. (1991). A que lleva la adolescencia. *Revista de la Educación*, 3(8), 1-18.

Shapiro, Y. & Gabbard, G.O. (1994). A new model of personality: An evolutionary and psychodynamic approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(1), 23-42.

Shaughnessy, M. F. & Evans, R. (1987). *Journal of Logotherapy*, 10(1), 46-53.

Stark, O. (1996). *On the evolution of altruism*. Washington, DC: American Psychological Association.

Vargas, M. M. & Weber, L. N. D. (1996). *Resumos de comunicações internacionais sobre adoção*. Rio de Janeiro: Psicologia (Org.), Resumos de comunicações internacionais sobre adoção.

Verhulst, F. C. & Versluis-den Bieman, M. (1996). *Problem behaviors in adolescents*. *Journal of Child and Adolescent Psychopathology*, 1, 1-10.

Wadsworth, S. J., De Fries, J. C. & Fulker, D. W. (1996). *Genetic influences on children at 7 and 12 years of age*. *Journal of Learning Disabilities*, 26(9), 581-588.

Weber, L. N. D. (1995). *Família e adoção*. Rio de Janeiro: Psiquiatria (Org.), Cadernos de Psiquiatria da Infância e da Adolescência.

Weber, L. N. D. (1996). *A Pesquisa sobre a adoção*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Científica*, XXVII Reunião Anual de Pesquisas, 1, 1-10.

Weber, L. N. D. (1997). *O lado de dentro: Sobre a adoção institucionalizada*. Comunicações da Nacional de Associações e Grupos de Psiquiatria da Infância e da Adolescência, 1, 1-10.

Weber, L. N. D. & Cornélio, S. A. (1998). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 40(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Weber, L. N. D. & Gagnon, A. P. (1995). *Adoção e dissabores*. *Revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 87-93.

Sobre a autora:

**Surama Gusmão Ebrahim** é psicóloga, Mestre pela Universidade Federal da Paraíba.